Temática Livre – Artigo original
DOI - *10.5752/P.2175-5841.2012v10n25p233*
Licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0 Unported

A visibilidade das religiões nos selos postais comemorativos brasileiros do século XX

The visibility of religions in brazilian commemorative postage stamps in the XX century

Karla Patriota Bronsztein *
Diego Andrés Salcedo **

Resumo
Este artigo analisa a forma pela qual as religiões são ilustradas nos selos postais comemorativos brasileiros, contribuindo para a construção e manutenção de suas representações. Foi considerado, para isso, a concepção deste artefato enquanto *media* e sua estreita relação com o discurso religioso. O *corpus* é composto por selos postais comemorativos brasileiros emitidos durante o século XX. A sua identificação e análise foi feita a partir do catálogo Rolf Herald Meyer (RHM). Entre o ano de 1900 e 2000, os Correios emitiram 2.354 selos postais do tipo comemorativo. A partir da observação e identificação de recorrências religiosas foram compilados 222 selos postais comemorativos. O estudo correlacionou a recorrente temática religiosa com o contexto histórico brasileiro, considerando o declínio do catolicismo como maioria religiosa no país e as representações das religiões nas mídias, a partir de dados quantitativos. A conclusão indica que o selo postal comemorativo brasileiro, durante o século XX, foi utilizado, em certa medida, na consagração e enaltecimento da visibilidade de personalidades, eventos e *práxis* católica, em detrimento às demais religiões.
Palavras-chave: Brasil. Religião. Representação. Selos Postais. Visibilidade.

Abstract
This paper examines the way in which religions are pictured in brazilian commemorative postage stamps, contributing to the construction and maintenance of its representations. Was considered for this purpose the conception of this artifact as *media* and its close relation with the religious discourse. The sample is composed of brazilian commemorative postage stamps issued during the twentieth century. Its identification was made using the Rolf Herald Meyer (RHM) catalogue. Between 1900 and 2000, the brazilian post office issued 2.354 commemorative postage stamps. From the observation and identification of religious recurrences 222 samples were compiled. The study correlated the recurring religious theme with brazilian historical context, considering the decline of catholicism as the major religion in the country and with the representation of religions in the media, using quantitative data. The finding indicates that the brazilian commemorative postage stamp, during the XX century, was used, in a certain measure, to establish and enforce the visibility of personalities, events and catholic practices, as a single speech over other religions.
Key-words: Brazil. Religion. Postage Stamps. Representation. Visibility.

Artigo submetido em 16 de setembro de 2011 e aprovado em 13 de março de 2012.

* Doutora em Sociologia pela UFPE. Professora Adjunta do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Pernambuco e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPE. País de origem: Brasil. E-mail: k.patriota@gmail.com

** Mestre e doutorando em Comunicação pela UFPF. Professor no Departamento de Ciência da Informação/UFPE. País de origem: Brasil. E-mail: salcedo.da@gmail.com

Introdução

A construção e manutenção de elementos religiosos é feita a partir de um conjunto de agentes em diversos, distintos e, por vezes, insuspeitos modelos de agenciamento. Assim, também é pertinente considerar que a representação desses aspectos seja constituída tanto pelas práxis religiosas, propriamente ditas, quanto pelas formas com que atores sociais externos a essa prática, como por exemplo, o Estado, constroem certa imagem das religiões. Ao considerar esse enfoque, o selo postal é entendido como um dos aparatos que contribuem para essa construção.

Este trabalho traz como peculiaridade a utilização do selo postal enquanto objeto de análise. Esta escolha considerou o fato de que os estudos e análises acerca da representação das religiões têm sido comumente realizados com base em suportes tradicionais à Academia, tais como: matérias de jornal, estudos de audiência, auto-representações (entendimentos outorgados pelos atores do próprio campo) e tecnologias de comunicação (TV, Rádio e Internet).

Sendo assim, a justificativa dessa escolha - de fato, desafiadora -, leva em consideração o entendimento do selo postal enquanto *media*.[1] Além disso, é um objeto ainda incipiente nos estudos das Ciências Humanas e Sociais, particularmente no Brasil,[2] não obstante os inúmeros estudos tratados pela Sociologia e Ciências da Religião em que o enfoque recaiu sobre outras tipologias *mediáticas*.

A partir dessa realidade e do propósito dos trabalhos que vêm sendo realizados com e sobre o selo postal, remetemos a um questionamento essencial, sugerido por Mitchell (2005, p. 244, tradução nossa): quais problemas são pertinentes às construções sociais quando nos consideramos seres, essencialmente, visuais?

[1] Consideramos o selo postal um *media*, com base na proposta teórica de Luhmann (2005, p. 9), ao afirmar que a "comunicação é isso que viabiliza, que dá suporte, que permite a produção de conteúdos (formas). Ela é *medium* [meio] e os diversos suportes comunicacionais, os *media* [meios]".

[2] O selo postal não tem merecido a curiosidade e atenção por parte de pesquisadores brasileiros. Mas, é gratificante saber que quatro dissertações de mestrado constituem um olhar crítico sobre esse objeto ou sobre o seu uso: em 2001, Villani Junior defendeu a dissertação intitulada *Evidências empíricas de leilões na Internet: selos na e-Bay*, em **Economia**, na USP; em 2006, Helder Cyrelli de Souza defendeu a dissertação *Os cartões de visita do Estado: a emissão de selos postais e a ditadura brasileira*, em **História,** na UFRGS; em 2008, Luciano Mendes Cabral defendeu a dissertação intitulada *Selos, moedas e poder: o Estado Imperial brasileiro e seus símbolos*, em **História,** USS/RJ (publicado como livro, em 2009, pela Editora Apicuri); Diego Andres Salcedo defendeu a dissertação intitulada *A ciência nos selos postais comemorativos brasileiros: 1900-2000*, em **Comunicação**, na UFPE (publicado como livro, em 2010, pela Editora da UFPE).

1 Selo Postal no Brasil

A relação entre o selo postal e a religião, apesar de uma aparente dissociação, é evidente por meio das emissões que remetem à práxis religiosa (selos com estampas de cultos, personalidades religiosas, igrejas e templos como veremos adiante). Nesse sentido, somos impelidos a refletir sobre o selo postal como um indício do passado no presente que, segundo Burke (2004, p. 20), "tanto deixa transparecer quanto omite". Não deixamos que olhares desatentos nos escureçam a visão, possibilitando, assim, não apenas uma relação face a face com a história, ou que os elementos verbo-visuais recriem-se, mas, sobretudo, que esses elementos existem e que não devem ser ignorados.

Como efeito do nascimento do selo postal na Europa (Inglaterra, 1840), e a expansão de sua utilidade para além desse continente deriva o início da utilização do mesmo no Brasil. No território brasileiro algumas atitudes e decisões, mesmo diante de revoltas espalhadas por toda nação, foram decisivas para a aceitação do selo postal. Como no caso inglês, várias são as perspectivas de leituras tanto político-econômicas, quanto sócio-culturais, sobre as causas prováveis que culminaram com a emissão do selo postal adesivo no Brasil.

Nos termos de Scott (1997, p. 735), seria adequado entender que o selo postal tem uma "densidade ideológica, por centímetro quadrado, maior que qualquer outra forma de expressão cultural midiática". O surgimento desse artefato teve como uma de suas causas as disputas político-econômicas. Podemos afirmar que, nesse sentido, um pequeno Brasil impele um grande Brasil por meio das estampas impressas nos selos postais.

Essa prática de exercer o poder, seja ele político ou econômico, não começou com os selos e nem com eles terminou. Um seleto grupo de pessoas cultas e elitizadas centralizavam as suas ideologias e visavam uma unidade política. Em 1° de agosto de 1843 os Correios do Império colocaram em circulação, na Corte, os três primeiros selos postais brasileiros, conhecidos como "Olho-de-Boi".

Figura 1 - *Olho-de-Boi*, de 30, 60 e 90 Réis. 1° selo postal brasileiro (1843)

A expansão do comércio nacional internacional, as revoluções separatistas das colônias, os avanços tecnocientíficos, a explosão do uso de correspondências e o aumento do comércio estritamente filatélico, foram algumas das causas que impulsionaram os governos a olhar mais atentamente para os selos e verem ali uma possibilidade de instrumentalizar o potencial de propaganda e comunicação dos Estados. Esse foi o contexto de emergência do selo postal do tipo comemorativo.

Os elementos verbovisuais dos selos comemorativos foram sendo modificados paulatinamente. Talvez seja prudente e didático separar essas mudanças em dois momentos. De início, como afirma Marson (1989, p. 83) "predominam representações alegóricas e retratos oficiais de presidentes ou de pessoas notáveis". Alegorias estas que transmitem os símbolos materiais de novos regimes, em sua grande maioria repúblicas, como, por exemplo, afirma Scott (1998, p. 302, tradução nossa), em que "boa parte do selo é devotado ao perfil da Marianne, símbolo de Liberdade, da República Francesa e do país França".

O momento seguinte pode ser identificado pelo acréscimo de recorrências temáticas que não aludiam, apenas, aos elementos verbo-visuais já mencionados. É a partir desse segundo momento que a possibilidade de identificação das recorrências temáticas mostra quantidade e qualidade satisfatórias à análise pretendida. As recorrências temáticas são as mais variadas possíveis: fauna, flora, esportes individuais e coletivos, espaços públicos e privados, instituições, encontros locais, regionais, nacionais e internacionais, tecnologias, brincadeiras, jogos, campanhas preventivas, campanhas publicitárias, conflitos, independências, minorias e personalidades. No Brasil, os primeiros selos comemorativos foram emitidos, em 1 de janeiro de 1900, por sugestão da Associação do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil, para celebrar os 400 anos da chegada dos portugueses ao país.

Figura 2 - Primeiros selos comemorativos brasileiros (1900)

Conforme Salcedo (2008, p. 190) “as quatro imagens, de certa maneira, celebravam justamente um sentimento que os republicanos queriam que o povo percebesse. Uma trajetória de liberdade no Brasil, refletida através de quatro eventos significativos”. Ou como sugere Marson (1989, p. 83) "punha-se em relevo que a República coroava uma trajetória de liberdade no Brasil". Tanto na Europa, como no Brasil, com o advento do selo postal comemorativo, o elemento *frase-motivo*[3] passou a ter igual ou maior valor representativo do que a *imagem-motivo*.

2 Procedimentos Metodológicos

De modo a identificar e analisar a ilustração de religiões por meio dos selos postais comemorativos brasileiros, ao longo do século XX, utilizamos o Catálogo de Selos do Brasil RHM (1993, 4 v.) e o Catálogo de Selos do Brasil RHM (2008). O catálogo RHM é a principal obra de referência brasileira no que diz respeito aos estudos dos documentos filatélicos. De publicação anual, nele são catalogadas as informações sobre todos os documentos filatélicos emitidos pelo Brasil, desde 1843 até os dias atuais, incluindo os documentos pré-filatélicos.

[3] Salcedo (2010, p. 16) sugeriu essas duas expressões: *frase-motivo* e *imagem-motivo*, como categorias de análise e estudo de selos postais.

Para a leitura dos catálogos, alguns critérios foram estabelecidos, resultando numa primeira identificação dos selos postais que iriam constituir o nosso *corpus*: 1) Selecionar, apenas, o selo postal do tipo comemorativo. Excluímos da identificação todos os outros tipos de documentos filatélicos[4]; 2) Analisar todos os selos postais comemorativos emitidos a partir de 1900 até 2000 (inclui as emissões de 2000). Essa decisão coincidiu com o fato de que o primeiro selo postal comemorativo brasileiro foi emitido em 1900; 3) Considerar, apenas, um selo, quando este fizer parte de uma série e a sua imagem for igual em todos os outros selos da série; 4) Considerar, além das informações impressas nos selos, àquelas designadas pelos catálogos (Representações Temáticas), pelas quais os seus editores são responsáveis, e que foram lidas com o objetivo de complementar a experiência visual.

Para ampliar a nossa visão, em paralelo, nos debruçamos igualmente sobre os dados coletados pelo Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE até o ano 2000, juntamente com algumas outras pesquisas brasileiras que evidenciam a atual formatação religiosa da população do país.

Com esses dados, o nosso intuito foi o de compreender e posicionar a evolução do fenômeno religioso brasileiro, desvendando também numericamente seus aspectos na atualidade e estabelecer um cruzamento com as informações levantadas na catalogação dos selos. A nossa pretensão, todavia, não foi a de aprofundamento extremo em dados censitários, com apuradas análises de gráficos ou cruzamento de tabelas provenientes dos Censos demográficos brasileiros. Tal procedimento fugiria da intenção maior deste artigo.

É fato que os dados coletados e apresentados pelo IBGE serão usados no decorrer deste texto, juntamente com: a) as informações contidas no Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil (JACOB et al, 2003); b) os levantamentos realizados pelo ISER[5]; c) as pesquisas do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais – CERIS e d) Retratos das Religiões no Brasil do Centro de Políticas Sociais do IBRE.

Todos estes dados, primários ou secundários, foram trabalhados no artigo de maneira a revelar, pelo menos de forma geral, a formação religiosa brasileira. Neste percurso utilizamos vários pesquisadores da Sociologia da Religião (Antoniazzi, 2003;

[4] Salcedo (2010, p. 201-202) lista as tipologias documentais filatélicas e suas definições.
[5] Instituto de Estudos da Religião (ISER), organização não governamental, que desenvolve projetos de pesquisa, formação e assessoria. Fundado em 1970 por teólogos e pesquisadores interessados nas relações entre religiosidade e transformação social.

Campos, 2004; Camurça, 2006; Jacob et al, 2003; Mariano, 2004; Oro, 1996 e Pierucci, 2006) para promover a reflexão complementar que nos revelaria o perfil religioso dos brasileiros. Tal procedimento foi feito a partir da intersecção dos dados numéricos revelados pelas pesquisas, principalmente as do IBGE, e os textos dos citados autores sobre estes números.

Estabelecidos os critérios iniciais de identificação dos selos postais, a partir dos catálogos, sugerimos uma categorização com o objetivo de atender à demanda do nosso trabalho. Assim, o *corpus* é constituído por selos postais comemorativos brasileiros, emitidos no século XX, com o motivo religioso enquanto foco de rememoração. Este, por sua vez foi dividido em cinco Classes: Monumento, Personalidade, Evento, Símbolo, Denominação, sobre as quais será feita a nossa interpretação. A seguir, mostramos um selo postal respectivo a cada Classe:[6]

MONUMENTO[7]

EVENTO[8]

SÍMBOLO[9]

[6] A limitação de páginas do artigo não permite incluir todas as imagens dos selos postais. Por isso, para cada Classe, utilizamos um exemplo, que, ao mesmo tempo, serve como exemplo ilustrativo às análises.
[7] Frase-Motivo: Basílica do Bom Jesus de Matosinho.
[8] Frase-Motivo: Primeiro Congresso Eucarístico Nacional.
[9] Frase-Motivo: Natal.

PERSONALIDADE[10]

DENOMINAÇÃO[11]

3 Análise e discussão

Entre 1843 e 2000, o Brasil emitiu 5.639 documentos filatélicos. Esse levantamento levou em consideração, apenas, as informações disponíveis nos Catálogos supracitados[12]. Do universo de documentos filatélicos emitidos pela ECT, entre 1843 e 2000, consideramos unicamente os selos postais comemorativos. Essa amostra soma 2354 selos. A partir da observação e identificação das recorrências dos elementos verbovisuais, dessa amostra, compilamos 222 selos. O Gráfico 1, a seguir, mostra o número total de selos, dividido por cada classe.

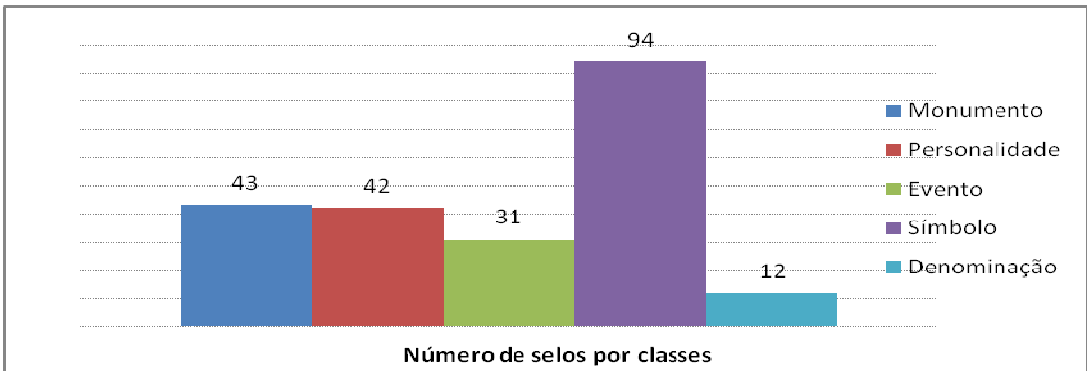

Gráfico 1 - *Corpus* (número total de selos por Classe)

[10] Frase-Motivo: Anchieta.
[11] Frase-Motivo: Cinquentenário da chegada dos Irmãos Maristas ao Norte do País.
[12] É importante não perder de vista a possibilidade de o levantamento poder estar incompleto, uma vez que alguns tipos de documentos filatélicos não foram catalogados pelos Editores do Catálogo de Selos do Brasil. Sobre este problema, ver Salcedo (2010, p. 148-149).

Como pontuamos anteriormente, tal classificação serve para evidenciar, quantitativamente, que os símbolos religiosos, seguidos dos monumentos, ganharam, no último século, destaque na emissão dos selos postais com temática religiosa. Se considerarmos que a maior parte das religiões não tinha a riqueza simbólica, nem a aberta permissão para a construção de monumentos, como o catolicismo, não é de se estranhar que as emissões privilegiassem os elementos da religião majoritária brasileira.

Um aspecto do corpus revela-se interessante. Todos os Congressos Eucarísticos Nacionais (do 1°, em 1933 até o 12°, em 1991), e alguns internacionais (36°, em 1955 no Rio de Janeiro) tiveram selos comemorativos emitidos, durante o século XX, indicando a hipótese de que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil defendeu, junto à Comissão Filatélica Nacional, o enaltecimento das práticas ecumênicas por meio desse *media*.

Em paralelo, e no sentido de ampliar o enfoque do estudo, nos debruçamos sobre os dados coletados pelo IBGE até o ano 2000. Logo, a análise feita nos selos postais comemorativos emitidos a partir de 1900 até 2000 nos evidenciou, ainda, que com uma história escrita sob os "olhares e ditames de Roma", o Brasil religioso mesmo demonstrando em seus últimos Censos populacionais que não é mais assim tão católico como antes[13], aponta para uma mudança contínua, deixando de ser uniforme em termos religiosos.

O que parece evidenciar um Brasil “plural” quando observamos os dados levantados pelo IBGE, tão somente porque não se trata de poucas opções de crença, mas sim, como bem argumenta Antoniazzi (2003, p. 77), de indivíduos que não aderem mais às religiões institucionalizadas, reduzindo-as a sentimentos pessoais, íntimos, não acompanhados pela participação em comunidades ou instituições religiosas.

Obviamente a liberdade religiosa que assistimos nos últimos tempos e a estruturação da sociedade moderna, favorecem tanto o crescimento dessa pluralidade religiosa, quanto o abandono da religião formal. Antoniazzi (2003) lembra que Berger (1985), ressaltou que a sociedade moderna e urbana tem obrigado as pessoas, provenientes de sociedades tradicionais ou rurais, àquilo que ele chamava o “imperativo herético”. Em outras palavras,

[13] O surgimento e o grande crescimento de inúmeras igrejas evangélicas é uma realidade visível em todas as esferas da sociedade brasileira. De acordo com o Censo de 2000, o número de pessoas que se denominam evangélicas cresceu de 6,66% na década de 80, para 15,41% . Ou seja, um aumento de mais de 100% em 20 anos.

a sociedade moderna vem exigir dos seus componentes uma "heresia": Eles não podem permanecer simplesmente na religião tradicional. Ou fazem a escolha de permanecer nela, mas em termos renovados, modernos, urbanos, ou passam a outra religião, também adaptada ao mundo moderno, não puramente tradicional (ANTONIAZZI, 2003, p. 78).

Entretanto, ainda assim, adentrou o século XXI com 125 milhões de católicos declarados entre os 170 milhões de habitantes – ou seja, uma maioria esmagadora que justifica a ampla propagação de seus símbolos e monumentos. Outro aspecto que merece destaque está presente no crescimento das emissões observado na década de 80, conforme pudemos constatar no gráfico 2, a seguir. Exatamente no período onde o declínio do catolicismo começa a ser mais evidente.

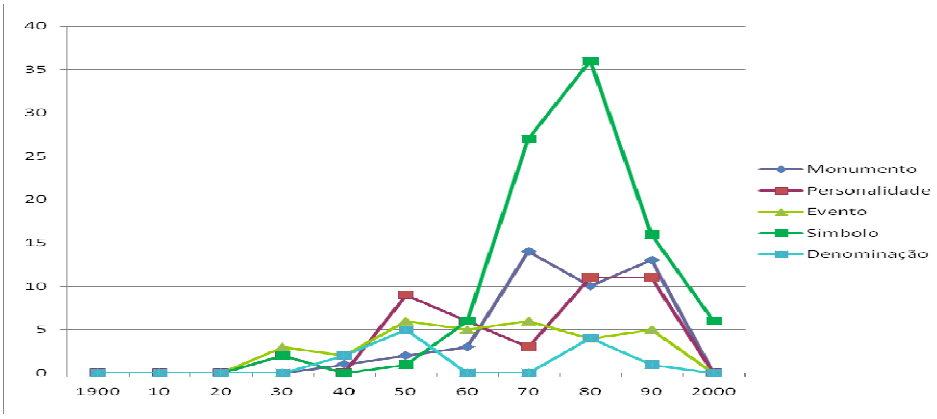

Gráfico 2 - Comportamento de selos postais das Classes por década

É nessa década que se observa o desenvolvimento das igrejas da terceira onda[14] ou neopentecostais[15], que tiveram início na segunda metade dos anos de 1970, cresceram,

[14] De acordo com Freston (1993) o pentencostalismo brasileiro pode ser dividido em três ondas de implantação de igrejas. A primeira é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus, em 1911, ambas na condição de grupos religiosos minoritários em terreno "hostil", caracterizaram-se pelo anticatolicismo, por radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo. (MARIANO, 2004, p. 123). Nesse ponto, apesar da amplitude e diversidade do pentecostalismo, há consenso entre pesquisadores e sociólogos da religião acerca dessas primeiras manifestações no campo pentecostal brasileiro, sendo geralmente denominadas de pentecostalismo clássico - entre alguns autores, de pentecostalismo tradicional (BRANDÃO, 1980; ORO, 1996) ou histórico (HORTAL, 1994). Já a segunda onda é a dos anos 50 e início de 60, quando o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade aumenta e três grandes grupos se destacam entre um número incontável de novas igrejas (FRESTON, 1993, p.66).

ganharam visibilidade e se fortaleceram de maneira surpreendente no transcorrer das décadas seguintes. É precisamente este crescimento, demonstrado pelos dados do Censo do IBGE, que confere uma nova configuração demográfica e religiosa ao cenário brasileiro.

Ainda é importante ressaltar que, historicamente no Brasil, é perceptível, desde certo tempo, um distanciamento entre o catolicismo nominal, fruto de uma tradição passada automaticamente de pais para filhos, do catolicismo praticante. De modo óbvio, a queda contabilizada pelo Censo no número de católicos romanos (ver gráfico 3), se deu em maior parcela, nos que eram apenas herdeiros da tradição religiosa. O que na realidade não reflete uma grande perda, já que interessa muito mais a qualquer denominação, não necessariamente os que são contados nominalmente, mas os que, de fato, dela participam.

Para a própria Igreja católica torna-se muito mais relevante o conhecimento do quantitativo de seus membros efetivos, do que os dados numericamente impressionantes de uma nação tida por católica, resultados meramente enganosos de uma "pertença" aparente e formal, já que sempre existiu, de modo mais ou menos expressivo, a tendência da herança familiar religiosa transmitida de pais para filhos na esfera confessional, do tipo "ter nascido" numa família católica e, por isso, reproduzir suas práticas mais comuns como o batismo, a primeira eucaristia, a crisma e o casamento religioso, sem necessariamente, a dimensão relacional, ou de crenças efetivas e de frequência regular aos cultos romanos, de onde emerge a expressão "católico não praticante".

[15] Diversos autores os têm designado de maneiras diversas (algumas das diferentes denominações segundo os autores: "agência de cura divina" (MONTEIRO, 1979), "sindicato dos mágicos" (JARDILINO, 1994), "pentecostalismo autônomo" (BITTENCOURT, 1994), "pentecostalismo de segunda e terceira ondas" (FRESTON, 1993), "neopentecostalismo" (MARIANO, 1995), "pós-pentecostalismo" (SIEPIERSKI, 1997). Entretanto, neste trabalho, assim os chamamos, porque é possível perceber que eles diferem muito dos pentecostais históricos e dos da segunda geração, além do que o termo neopentecostal vem ganhando terreno nos últimos anos entre os pesquisadores brasileiros para classificar as novas igrejas pentecostais. Encabeçado pela Igreja Universal, o neopentecostalismo é a vertente pentecostal que mais cresce atualmente e a que ocupa maior espaço na televisão brasileira, seja como proprietária de emissoras de TV, seja como produtora e difusora de programas de televangelismo (MARIANO, 2004, p.124). Do ponto de vista comportamental, é a mais liberal. Haja vista que suprimiu características sectárias tradicionais do pentecostalismo e rompeu com boa parte do ascetismo contracultural tipificado no estereótipo pelo qual os crentes eram reconhecidos e, volta e meia, estigmatizados. (MARIANO, 2004, p. 124).

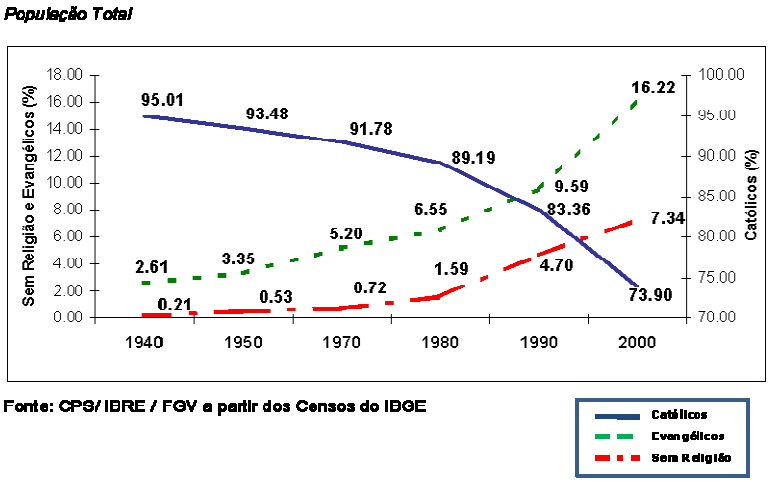

Gráfico 3 – Evolução das Crenças no Brasil – 1940 a 2000

Com efeito, as peculiaridades de um Brasil religioso, cada vez menos católico, não são reveladas da noite para o dia. É verdade que tais variações são observadas de forma mais palpável depois de 1980, todavia, o movimento de redução do catolicismo está ocorrendo de forma significativa pelo menos desde a década de 40 (ver tabela 1), fazendo com que os cientistas sociais se interessem em refletir sobre qual é o conjunto de fatores, fundamentalmente, desencadeadores da instauração do processo de "descatolização" brasileira.

Tabela 1 - Católicos, evangélicos e sem religião – entre 1940 e 2000

ANO	CATÓLICOS (números absolutos e %)	EVANGÉLICOS (números absolutos e %)	SEM RELIGIÃO (números absolutos e %)
1940	39.177.880 95,2 %	1.074.857 2,6 %	87.330 0,2 %
1950	48.558.854 93,7%	1.741.430 3,4%	274.236 0,3%
1960	93,1%	3.077.926 4,3%	-------

1991	121.800.000 83,8%	13.000.000 9,05%	8.100.000 4,7%
2000	124.980.131 73,8%	26.184.942 15,45%	12.492.406 7,2%

Fonte: Cândido Procópio Ferreira Camargo e censo IBGE, 2000, *apud* Campos (2004, p. 129)

Uma questão que deve ser inicialmente considerada, parte da observação de que na atualidade, "não só as pessoas podem optar por uma outra religião, mas podem continuar optando por outras religiões". (PIERUCCI, 2004). O autor defende que a própria opção religiosa dessacraliza-se, na realidade torna-se um ato livre, podendo ser perfeitamente revisável com a mesma intensidade em que ocorreu a mudança.

Muito semelhante ao consumo de produtos nos dias atuais: a diversidade de mercadorias é tanta, que o auge do consumir reside na própria experimentação. Ou, em outras palavras, se as promessas de satisfação não forem cumpridas, o consumidor muda rapidamente de marca em busca dos resultados que ele almeja. Com a religiosidade hoje, de acordo com Pierucci (2004), os vínculos tornam-se quase que exclusivamente experimentais.

Nesse sentido, Pierucci (2004) afirma que aqui não cabe perguntar simplesmente o que está acontecendo com o catolicismo. Afinal, desde seus primórdios, a Sociologia da Religião que se estrutura no Brasil, sempre foi alimentada e fomentada como uma sociologia do catolicismo em declínio:

> Em nosso país e em toda a América Latina, mesmo os estudos sociológicos sobre as religiões não-católicas, ao enfocar a expansão quantitativa ou qualitativa de uma outra religião, seja ela qual for, estarão fazendo sempre, pelo avesso, uma sociologia do catolicismo em declínio ou uma sociologia do declínio do catolicismo (PIERUCCI, 2004, p. 14).

Independente da sociologia do catolicismo em declínio, no panorama do Brasil religioso é possível observar, por meio de diversas análises – no nosso caso, das emissões que remetem à práxis religiosa de igual forma - muitas peculiaridades na formulação do quadro de crenças. Ou seja, na análise que fizemos dos selos postais do último século, observamos a rearticulação que temos assistido e contabilizado no campo religioso

brasileiro, pois as emissões dos selos dialogam com particularidades que também devem ser observadas a partir da perda da liderança hegemônica católica romana.

Isto sugere, portanto, uma observação mais criteriosa do panorama religioso brasileiro e suas profundas e significativas mudanças, presentes nos contextos social, econômico e cultural do país, muito embora os aspectos econômicos e sociais sejam também desencadeadores de mudanças religiosas.

Contudo, em uma visão mais superficial e quantitativa, e considerando que, por conta do seu objetivo fim, neste texto não nos é possível contemplar em profundidade a complexidade da análise dos aspectos econômicos, culturais e sociais que desencadearam específicas mudanças religiosas no panorama brasileiro, nos limitamos a observar a expressividade numérica das emissões de selos comemorativos com mensagens católicas a partir da década de 30, ancorados no que sugere Almeida e Vasquez (2003, p. 119): "os selos comemorativos emitidos durante a década de 30 sugerem grupos temáticos, sendo um deles ligados "ao esforço de colaboração entre Igreja e Estado, uma estratégia que visava à ampliação da base de sustentação política do novo governo". Ainda assim, é entre as décadas de 1960, 1970 e especialmente na década de 1980 (como expresso no Gráfico 4), que observamos um considerável aumento no número de emissões de selos comemorativos.

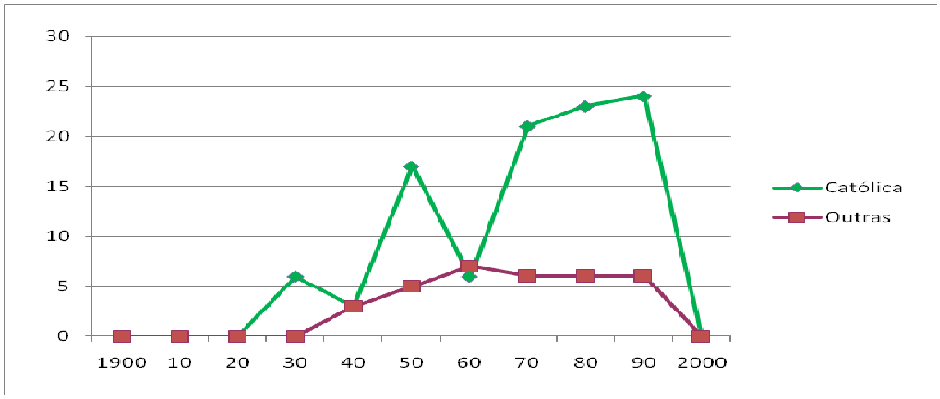

Gráfico 4 - Comportamento de selos postais por denominação religiosa em décadas

Outra questão a ser considerada está no fato de que, nos 222 selos da amostra, várias são as filiações religiosas e que, mesmo que consideradas comparativamente, em termos percentuais, inexpressivas diante do catolicismo, as religiões no Brasil, evidenciam uma

pluralidade real[16]. Há uma ampla variedade delas na lista das religiões contabilizadas pelo Censo do IBGE, no entanto, elas estão distribuídas entre menos de 6 milhões de brasileiros, parcela pouco significativa num contingente de 170 milhões de pessoas, de acordo com o que revelam os dados do último recenseamento no Brasil:

Tabela 2 - As religiões no Brasil em 2000

RELIGIÃO	NÚMERO ABSOLUTO	%
Católicos	124.976.912	**73,77**
Evangélicos	26.166.930	**15,44**
Protestantes históricos	7.159.383	**4,23**
Pentecostais	17.689.862	**10,43**
Outros evangélicos	1.317.685	**0,78**
Espíritas	2.337.432	**1,38**
Espiritualistas	39.840	**0,02**
Afro-brasileiros	571.329	**0,34**
Umbanda	432.001	**0,24**
Candomblé	139.328	**0,08**
Judeus	101.062	**0,06**

[16] Os selos da Classe "Denominação" ilustram essa característica.

Budistas	245.870	**0,15**
De outras orientais	181.579	**0,11**
Muçulmanos	18.592	**0,01**
Hinduístas	2.979	**0,00**
Esotéricos	67.288	**0,04**
De tradições indígenas	10.723	**0,01**
De outras religiosidades	1.978.633	**1,17**
Sem religião	12.330.101	**7,28**
Declaração múltipla	382.489	**0,23**
BRASIL(*)	**169.411.759**	**100,0%**

(*) Não inclui 387.411 casos de religião não declarada, que correspondem a 0,23% da população residente total de 169.799.170
Fonte: Dados do Censo do IBGE, 2000

Assim, entendemos as representações das religiões por meio do selo postal como partes constituintes dessa forma de organização social que, embora sejam quantitativamente pequenas se consideradas isoladamente, ratificam a grande diversidade e certa amplitude percentual de "crentes" em alguma religião. No nosso levantamento, por exemplo, tal diversidade ficou reduzida nas emissões postais a apenas 10 denominações durante o último século (como pode ser visto no gráfico 5, a seguir), que corresponde à contabilidade das

outras religiões fora da faixa representativa dos *católicos, evangélicos* e *sem religião*[17], no que se chamou de "outras religiões", que importam, juntas, o somatório de 3,6% da população.

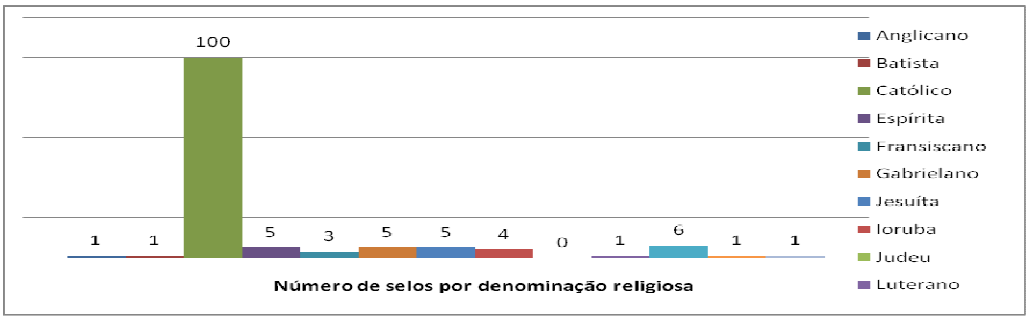

Gráfico 5 - Número total de selos por denominação religiosa

Estes, em ordem decrescente de fiéis, são: os espíritas kardecistas com 2,3 milhões de adeptos (1,4%) e 5 selos emitidos; as religiões afro-brasileiras (candomblé e umbanda) com 0,3% da população, agrupadas na nossa análise como os Iorubás, com a missão de 4 selos; as religiões orientais (destaque para o Budismo com 245 mil adeptos contra 181 mil das demais religiões orientais), e que não são representadas em selos postais no último século, mas empatam com as religiões afro-brasileiras nos mesmos 0,3%; o judaísmo vem em seguida com 101 mil confessos e o islamismo com 18,5 mil adeptos (apenas 0,1% da população brasileira), ambos sem qualquer representatividade na emissão de selos com motivos religiosos.

Fazendo uma comparação entre os dados do gráfico 5, com os dados censitários, é possível afirmar que a mensuração do perfil religioso brasileiro pode ser feita a partir de três blocos, conforme sugere Camurça (cf. 2006, p. 37). O primeiro deles agrupa o próprio catolicismo, religião majoritária no país, que passou de 121,8 milhões de membros computados pelo Censo de 1991 para 125 milhões em 2000, e que nos fez contabilizar 113 selos postais entre os 133 que faziam referência a alguma denominação religiosa (entre os

[17] Estes, de acordo com Pierucci (2004) podem ser definidos como os que estão desencaixados de qualquer religião, desfiliados de toda e qualquer autoridade religiosamente constituída. Ou seja, são os indivíduos que não se curvam a nenhuma autoridade religiosa, ou que estão transitoriamente desvinculados de alguma igreja determinada. Nem todos se localizam fora do espaço religioso; destes sem religião, boa parte circula facilmente pelo dilatado mercado das ofertas do sagrado.

222 selos que formaram o *corpus*); O segundo grupo formado pelos evangélicos (protestantes, reformados ou renovados - pentecostais), que de acordo com os números deste último Censo quase dobraram sua quantidade, de 13 milhões em 1991, o que correspondia 9,05% da população, para 26 milhões, ou seja, um percentual de 15,45% da população, foram representados em apenas 3 selos (1 anglicano, 1 batista e 1 luterano) e mesmo que haja atualmente uma predominância pentecostal (que corresponde a 17 milhões do contingente, respondendo por 10,43% do percentual de evangélicos), eles não foram contemplados em nenhuma emissão. Por fim, o terceiro bloco, constituído pelos que se batizou de "sem religião", que passaram de 6,9 milhões para 12,3 milhões, ou seja, de 4,8% para 7,3%, podem ser contemplados em todos os outros selos comemorativos, mas que não se constitui como alvo desta análise.

Isso nos leva a refletir que, se a observação for feita apenas a partir dos grupos representativos citados acima, a nossa pluralidade religiosa resume-se a uma visão binária, como argumentou Pierucci (2006): "o gato comeu" a pluralidade de crenças no Brasil. O autor lembra que, há quatro décadas atrás, os três maiores grupos religiosos eram os católicos, os protestantes e os espíritas. No ano 2000, o perfil religioso brasileiro demonstrava que os maiores contingentes de adeptos estava entre *católicos*, *evangélicos* e *sem religião*, e em conformidade com o que diz Pierucci (2006), em seu texto "Cadê a nossa diversidade religiosa?", se for retirado do pódio o termo "sem religião", já que, como a classificação do IBGE mesmo pretende mostrar, não professam religião alguma, sobram apenas aqueles que se declaram ou católicos ou protestantes, ou seja, somente "cristãos", no sentido literal da classificação. E que estes partilham diversos símbolos em comum, como por exemplo, os símbolos do Natal ou da Páscoa, devidamente representados (para os dois grupos) nas emissões comemorativas dos selos postais[18].

Considerações finais

Como pontuamos, este artigo identificou e analisou a forma pela qual as religiões são ilustradas nos selos postais comemorativos brasileiros, emitidos durante o século XX, contribuindo para a construção e manutenção de suas representações. Foi considerado, para

[18] Ver o exemplo na Classe "Símbolo".

isso, a concepção deste artefato enquanto *media*, a sua estreita relação com o discurso religioso e alguns dados censitários.

A partir do exposto, cabe ressaltar que a Igreja Católica, mesmo tendo investido nos meios de comunicação há mais tempo que as demais expressões religiosas e dominado a publicação de selos comemorativos com motivos religiosos desde o início do século passado, apenas nos anos 1980 passou a utilizar a mídia de forma mais ostensiva e a publicar mais selos denominacionais. Uma razão possível, para isso, pode estar relacionada com a perda considerável de fiéis, como foi demonstrado na análise dos dados censitários para o mesmo período.

Ao contrário da constituição *Inter multiplices*[19], documento oficial da Igreja Católica elaborado no pontificado do papa Inocêncio VIII no século XV, que afirmava ser a mídia responsável por divulgar idéias contrárias à fé e aos bons costumes difundidos (BRONSZTEIN; ALVES, 2011), hoje é perceptível (não apenas com o grupo de selos postais comemorativos analisados) que, após um longo período de críticas e diálogos com os meios de comunicação, a Igreja Católica defende e utiliza tais recursos, considerando-os de fundamental importância para a evangelização e difusão das suas crenças. Inclusive, tendo o Papa João Paulo II, em sua encíclica *Redemptoris Missio*[20], afirmado que a mídia é o Areópago dos tempos modernos, ou seja, local ideal para o anúncio e a proclamação da fé católica.

Sob essa visão, e detentora de um conglomerado midiático que abrange três emissoras de televisão, além de editora de livros, revistas, jornais, internet e centenas de emissoras de rádios espalhadas pelo país, essa instituição não só investe em selos postais comemorativos para expressar a identificação do povo brasileiro com a presença da Igreja Católica, mas nas mídias massivas como um todo. O fato é que, em uma avaliação geral baseada em pesquisas já realizadas sobre o campo religioso brasileiro, é possível identificar como o catolicismo midiático tem sido hábil na concorrência pelo seu espaço no “mercado religioso” e na preocupação pela manutenção dos seus fiéis. A isso podemos acrescentar a

[19] Primeiro documento oficial da Igreja Católica sobre a imprensa, elaborado em 1487 no Pontificado do Papa Inocêncio VIII. Esse documento evidencia o caráter proibitivo, insistindo na autoridade da Igreja sobre o conhecimento. Para maiores informações, ver Puntel (1994).

[20] Encíclica publicada em dezembro de 1990, dedicada ao tema da "*urgência da atividade missionária*" e da "*validade permanente do mandato missionário*". De acordo com Atos 17:16-33, Paulo fez um discurso no Areópago, chamando os atenienses da idolatria para o culto ao Deus verdadeiro (o Deus do cristianismo).

utilização dos selos postais comemorativos brasileiros, ao consagrarem e enaltecerem a visibilidade de personalidades, eventos e da *práxis* católica, em detrimento às demais práticas religiosas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cícero A. F. de; VASQUEZ, Pedro K. **Selos postais do Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2003.

ANTONIAZZI, Alberto. As Religiões no Brasil Segundo o Censo de 2000. **Revista de Estudos da Religião**, São Bernardo do Campo, n. 2, 2003, p. 75-80.

BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BITTENCOURT FILHO, José. Remédio amargo. In: ANTONlAZZI, A. et al. **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 224-233.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRONSZTEIN, Karla P.; ALVES, Maria L. **Mega-Evenements et Spectacles Religieux**: De nouvelles singularites dans la Societe de Consommation. CONFERENCE RELIGION AND ECONOMY IN A GLOBAL WORLD, 31. Aix-en-Provence (France), 2011. Mimeo.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. São Paulo: EDUSC, 2004.

CABRAL, Luciano M. **Selos, moedas e poder**: o Estado Imperial brasileiro e seus símbolos. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

CENTRO DE ESTATÍSTICA RELIGIOSA E INVESTIGAÇÕES SOCIAIS. CERIS 2, p. 11, 2001. Disponível em: <http://www.ceris.org.br/obras-publicadas.html>. Acesso em: 12 ago. 2011.

CAMPOS, Leonildo S. Protestantismo brasileiro e mudança social. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luiz Mauro Sá (Org.). **Sociologia da Religião e mudança Social**: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004.

CAMURÇA, Marcelo. A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000. In: TEIXEIRA, Fautino; MENEZES, Renata (Org.). **As Religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006.

CATÁLOGO de selos do Brasil 1993. São Paulo: RHM, 1994. 4 v.

CATÁLOGO de selos do Brasil 2008. São Paulo: RHM, 2008.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: da Constituinte ao impeachment. 1993. Tese (Doutorado) - IFCH-Unicamp, Campinas.

HORTAL, Jesus. Um caso singular de pentecostalismo autônomo: a Igreja Universal do Reino de Deus. CONGRESSO INTERNACIONAL, 1994, Recife. p. 1-8. Mimeo.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Resultados de 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000>. Acesso em: 12 ago. 2011.

JACOB, César Romero; HEES, Dora Rodrigues; WANIEZ, Philippe; BRUSTLEIN. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2003.

JARDILINO, José R. Sindicato dos Mágicos: as religiões do espírito de orientação protestante no Brasil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL, 1994, Recife. p. 1-14. Mimeo.

LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostalismo**: os pentecostais estão mudando. 1995. Dissertação (mestrado em sociologia - FFLCH-USP, São Paulo.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, São Paulo. v. 18, n. 52, p. 121-138, 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000300010>. Acesso em: 15 jan. 2011.

MARSON, Izabel A. **Selos comemorativos**: fragmentos da história do Brasil. São Paulo: Empresa das Artes, 1989.

MITCHELL, William J. T.. An Interview with W. J. T. Mitchell. In: DIKOVITSKAYA, Margaret. **Visual culture: the study of the visual after the cultural turn.** Cambridge: MIT, 2005.

MONTEIRO, Duglas T. Igrejas, seitas e agências: aspectos de um ecumenismo popular. In: VALLE, E.; QUEIROZ, J. J. (Org). **A cultura do povo**. São Paulo: Cortez; 1979.

NERI, Marcelo. **Retratos da Religião no Brasi**l. Centro de Políticas Sociais, Fundação Getulio Vargas, 2005. Disponível em <http://www.fgv.br/cps/religioes/inicio.htm>. Acesso em: 05 fev. 2011.

ORO, Ari Pedro. **Avanço Pentecostal e Reação Católica**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PIERUCCI, Antonio F. Secularização e declínio do catolicismo. In: SOUZA, Beatriz M. de; MARTINO, Luiz M. Sá (Orgs.). **Sociologia da Religião e mudança Social**: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004.

PIERUCCI, Antonio G. Cadê a nossa diversidade religiosa? In: TEIXEIRA, Fautino; MENEZES, Renata (Org.). **As Religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006.

PUNTEL, Joana T. **A Igreja e a democratização da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1994.

SALCEDO, Diego A. Filatelia e memória: pequenos embaixadores de papel. In: VERRI, Gilda Maria Whitaker (Org.). **Registros do passado no presente**. Recife: Bagaço, 2008, p. 155-195.

SALCEDO, Diego. **A ciência nos selos postais comemorativos brasileiros**: 1900-2000. Recife: EDUFPE, 2010.

SCOTT, David. Stamp semiotics: reading ideological messages in philatelic signs. In: RAUCH, Irmengard; CARR, Geral F. (Ed.). **Semiotics around the World**: synthesis and diversity. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

SCOTT, D. Semiotics and Ideology in Mixed Mesages: the postage stamp. In: HEUSSER, Martin, et al. **The Pictured Word - Word and Images**: Interactions 2. Amsterdã: Rodopi, 1998, p. 301-313.

SIEPIERSKI, Paulo. Pós-Pentecostalismo e política no Brasil. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 37, n. 1, 1997, p. 47-61.

SOUZA, Helder C. de. **Os cartões de visita do Estado**: a emissão de selos postais e a ditadura militar brasileira. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - UFRGS, Porto Alegre.

VILLANI JUNIOR, Adhemar. **Evidências empíricas de leilões na Internet**: selos na e-Bay. 2001. Dissertação (Mestrado) - USP, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12 138/tde-18012002-194111/>. Acesso em 15 jan. 2011.